



Outros olhares. Outras maneiras de realizar o audiovisual. Outro paradigma *broadcasting* ¹

Álvaro Benevenuto Jr.²
Universidade de Caxias do Sul (UCS)

Resumo

A convergência digital tem alterado comportamentos, maneiras e velocidade da sociedade se comunicar. Com a facilidade de acesso aos equipamentos de captura de imagens e sons; a disponibilidade de ferramentas para edição e/ou montagem e acessos abertos para internet e demais repositórios de conteúdos audiovisuais da web, percebe-se a ocorrência de fenômenos sociais de comunicação que incidem na quebra de paradigmas daquilo que se conhece como linguagem *broadcasting*, a partir da disseminação da televisão na sociedade contemporânea. O texto que segue pretende incrementar o debate sobre essa nova estética audiovisual gerada pela migração para os novos suportes e ambientes da realização do setor. As observações são resultantes de oficinas desenvolvidas com adolescentes e jovens da rede municipal de ensino básico de Caxias do Sul, que buscaram um outro modo de construir sua alfabetização.

Palavras-chave

Acesso à produção audiovisual; novos suportes; alfabetização e realização audiovisual.

Introdução

O desenvolvimento da indústria do entretenimento audiovisual no Brasil, observado a partir da segunda metade de década de 1980, ofereceu ferramentas importantes para criar produtos distintos e de consumo limitado aos círculos privados das famílias e amigos. Esse fenômeno é percebido, inicialmente, com a oferta das câmeras de vídeo Betacam ou em VHS (derivadas das câmeras de filme 16mm e Super 8), que viabilizou a exibição dos registros de múltiplos momentos de convivência privada na íntegra. Em seguida, com a disseminação das ilhas de edição de vídeo, as cenas do cotidiano puderam ser selecionadas, oferecendo a oportunidade de ver a vida de modo organizado e mais confortável à audiência, apesar de restrita. Abriam-se as primeiras trilhas para a entrada de conteúdos que a televisão *broadcasting* evitava mostrar tendo em vista a particularidade e a restrição numérica da audiência.

A abertura dessas trilhas para a entrada no espectro televisivo não cessou. A oferta dos equipamentos, a preços acessíveis, aportou nas pequenas produtoras com

¹ Trabalho apresentado no GP Conteúdos Digitais e Convergências Tecnológicas, IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Ciências da Comunicação (UNISINOS), pesquisador CNPq, membro do Núcleo de Pesquisa Comunicação, Cultura e Sociedade (UCS), professor de Jornalismo para TV e Produção Audiovisual na UCS. Correio eletrônico: abenevenutojr@gmail.com



grandes idéias e projetos audiovisuais, configurando um ambiente favorável à apresentação de outros enquadramentos nas telas da televisão brasileira. Lins e Silva (1989) descreve esse momento como brechas usadas para diversificar os conteúdos das emissoras nas décadas de 1970-80.

Um dos exemplos da diversificação para difundir outras imagens e conteúdos, que demarca uma quebra de paradigma no processo produtivo da televisão do Brasil, acostumada a ser a única responsável pela realização completa dos produtos, é o hoje reconhecido “Globo Repórter”, que esteve na emissora como Globo Shell Repórter, produzido pela Manduri Filmes, entre outras produtoras e diretores documentaristas brasileiros em 1971(LASCA, TAVARES, 2006).

Nos anos seguintes, as demais emissoras seguiram essa trilha. A idéia base que sustenta essa proposta está mais relacionada ao financiamento das emissoras do que especificamente partes de projetos sólidos de diversificação de conteúdos do menu dos operadores. É o que se observa com a presença de Sílvio Santos (e seu tradicional programa dominical de 12 horas) nos canais da Globo carioca, TVS, Record e Bandeirantes; Goulart de Andrade e o “Comando da Madrugada”, migrante entre as emissoras; com a chegada de Fausto Silva na Bandeirantes com o “Perdidos da Noite” entre outras ocorrências no âmbito regional. É importante relatar ainda que as câmeras baratas e de uso doméstico forneceram imagens importantes para o jornalismo das emissoras, especialmente em relação às denúncias de desrespeito às questões legais e dos direitos humanos e da economia.

A popularização dos equipamentos de captura e tratamento de imagens também fomentou projetos de qualificação e educação informal dos cidadãos envolvidos com os movimentos sociais engajados na defesa da cidadania. Os trabalhos de formação social e política de militantes, apoiados na metodologia construtivista e aplicação da ferramenta audiovisual, se disseminaram pelo país, criando departamentos e setores especializados no desenvolvimento desta tecnologia.

Na mesma direção, associações de produtores de audiovisuais independentes, em várias regiões brasileiras, provocaram o aparecimento de coletivos destinados ao compartilhamento da realização audiovisual para ser exibida em circuitos alternativos e embasados em propostas de promoção da cultura social e valorização da cidadania, que acaba se concretizando nos canais comunitários da televisão a cabo (BENEVENUTO JR, 2005).



Mais algum tempo, permeado por debates políticos e comunitários sobre as possibilidades de inclusão do audiovisual em ações de construção da cultura e da educação, potencializado pela ocorrência da fase da multiplicidade da oferta (BRITTOS, 1999), as outras imagens e conteúdos não muito frequentes no *broadcasting* começaram a ser comuns nas televisões por assinatura, apesar das limitações perimetrais dos canais comunitários das operadoras de TV a cabo, criando condições de consolidar alguma simpatia da audiência em relação aos parâmetros estéticos e técnicos diferentes daqueles construídos pelos operadores da televisão em rede.

Apesar destas possibilidades consolidadas para a entrada de outras propostas estéticas de conteúdos televisivos, percebe-se certa timidez de consumo. As medições dos níveis de audiência, prospecções de negócios, mostram que esses lugares de entrada de conteúdos distintos e espaços para experimentação continuaram sem receber atenção de análise mais profunda sobre as reais potencialidades. São algumas características do mercado da comunicação de massa, que aposta densamente em novidades previamente testadas e que deem garantias de faturamento imediato.

Enquanto isso, as bancadas dos laboratórios incrementaram as pesquisas para melhorar a qualidade da transmissão-recepção da TV, provocando a migração do mercado para o ambiente digital. A difusão acelerada da internet demarcou o começo deste movimento que se encerrou com a implantação da televisão digital no Brasil em 2007 (BARBOSA, CASTRO, 2008).

A promessa de imagem e som nítidos e livre de ruídos, para o mercado de TV, significou a oportunidade de intensificar concorrência com as salas de cinema diante da possibilidade de ofertar conteúdos com características estéticas similares. E a televisão, nesse aspecto, tem alguma vantagem por ser mais ágil em sua linha de produção, especialmente no que toca à oferta de entretenimento (novelas, minisséries, humor e revistas televisivas). Para agentes envolvidos nas áreas de educação e cultura, a digitalização da TV significa a abertura de janelas eficazes à difusão do conhecimento e para a cidadania, esta tecnologia apresenta-se como ferramenta importante para consolidar a participação e o controle sociopolítico e econômico das coisas públicas.

Este panorama favorável à constituição de dispositivos de democratização do espaço público, entretanto, cobra a alfabetização dos indivíduos para usufruto dessa



nova mídia, importando na quebra de paradigmas da estética da TV *broadcasting*, fenômeno que tem se observado nos ambientes de relacionamento ofertados na internet.

Alfabetização audiovisual

Para apropriar-se das brechas da realização audiovisual, a partir do acesso facilitado aos dispositivos de tratamento de imagens e sons – que hoje estão nas câmeras fotográficas, telefones móveis, *ipods*, *webcams*, entre outros – é necessário incluir um outro elemento no processo de aprendizagem: a alfabetização audiovisual. Isso decorre da cultura da imagem que compõe o conjunto intelectual da sociedade contemporânea, que vive com a televisão a mais de quatro décadas e migra para os sites de relacionamento da internet.

Esta alfabetização implica também em disseminar as possibilidades e a crítica em relação ao audiovisual nos ambientes digitais (BENEVENUTO JR, 2009), mobilizando indivíduos e comunidades para a fruição dos dispositivos técnicos de produção e de comunicação, que inclui também a interatividade nas diversas modalidades de operacionalização.³, conceito comunicacional em construção em comunicação em duas vias. Processo permeado pelas questões da moral, da ética e da estética das mídias contemporâneas.

Nessa direção, o trabalho desenvolvido por acadêmicos de Comunicação Social da Universidade de Caxias do Sul (UCS) junto à uma escola municipal do ensino fundamental de Caxias do Sul, experimenta esta alfabetização ao disponibilizar o conhecimento e os processos da realização audiovisual como parte integrante da aprendizagem curricular, aplicando a transdisciplinaridade como ferramenta metodológica do processo.

O programa desenvolvido na escola Ramiro Pigozzi, localizada numa região socioeconômica bem diversificada (envolvendo situação de delicada vulnerabilidade social a condições de relativo conforto econômico) foi desenvolvido como um dispositivo para reduzir o preconceito que permeia os estudantes. A demanda foi apresentada pelos programas das disciplinas de História e Geografia e acabou envolveu a Língua Portuguesa e Informática.

³ Interatividade é um conceito em adiantado estágio de construção no campo da Comunicação Social. Em linhas gerais, interatividade aqui é entendida como a possibilidade de intervenção/participação da audiência na programação oferecida pelas emissoras através do canal de retorno que a tecnologia oferece.



A ação dos professores da escola se localizou no âmbito da orientação e da pesquisa sobre as condições socioeconômicas do entorno da escola, no debate sobre direitos e deveres da cidadania, o reconhecimento da cidade enquanto espaço público e de construção da cidadania, entre outros conteúdos. O conteúdo passou pela construção de textos, exercitando a prática da redação e, posteriormente, foi adaptado para a linguagem audiovisual, em oficinas coordenadas pelos acadêmicos da Comunicação Social, como atividade do Projeto Experimental-Comunidade.

O processo de alfabetização audiovisual envolveu também a prática de captura e tratamento das imagens e sons, optando pelos instrumentos alternativos ao alcance dos participantes (câmeras fotográficas e telefones móveis). Os encontros de registro do material bruto seguiram as demandas dos roteiros, feitos nas oficinas de realização audiovisual. A edição, feita com recursos oferecidos nos sistemas operacionais dos computadores, resultou nos trabalhos finais dos projeto (vídeos entre um e três minutos) desenvolvido pelas disciplinas, usando o suporte audiovisual digital.

Para além da novidade metodológica no ensino-aprendizagem de História, Geografia, Língua Portuguesa e Informática, a inclusão da alfabetização audiovisual importou em algumas revelações de uma outra estética visual, possível com a disseminação dos equipamentos e com a digitalização da comunicação.

Espaço para outros olhares

O conjunto dos pequenos vídeos resultantes do processo de alfabetização audiovisual se apresentam como produtos carregados com outra proposta estética. As interpretações das técnicas de realização audiovisuais, comuns a todos os participantes das oficinas, resultaram em duas edições que merecem atenção para o debate da quebra do paradigma *broadcasting* da televisão. São vídeos compostos por fotografias e imagens em movimento, capturadas com máquinas fotográficas digitais, cujo conjunto demonstram estas outras leituras do momento social.

O primeiro, fundamentado numa singela pesquisa⁴ sobre o sistema carcerário de Caxias do Sul, coloca em discussão as revistas corriqueiras nas celas e a descoberta de armas e outros artefatos pontiagudos manufaturados, estranhos ao ambiente prisional. O que chama a atenção é a estética proposta pelos autores e as soluções encontradas para

⁴ Tem-se que considerar que a pesquisa foi realizada por estudantes da sétima série do ensino fundamental. Apesar do acompanhamento direto dos orientadores do processo, a complexidade dos dados coletados tem que ser relativada ao grau de conhecimento dos autores.



mostrar os objetos estranhos ao ambiente. Também se destaca a crítica social produzida pelos adolescentes, ao escolher a trilha sonora da banda de rap Pavilhão 9, combinado com os textos exibidos na tela.

No segundo, a composição ao estilo de videoclipes, a mensagem produzida pelo grupo de estudantes contém imagens em *travelling* representando o reconhecimento de espaços de urbanização precária, instalada na região da escola. Este passeio da câmera pela área da urbanização, mostrando a turma em excursão e as condições das moradias sob o ritmo de “caminhando e cantando e seguindo a canção” arranjada em harmonia atualizada dos *rappers*, constitui uma estética própria do comportamento adolescente urbano, de classe média operária, com acesso ao mundo da comunicação digital.

A edição teve como fundamento a pesquisa sobre as condições de saneamento e de moradia, desenvolvida como atividade curricular do projeto de História e Geografia. A decisão de apresentar as condições de vida na vila em observação sob a poesia e arranjo contemporâneos fixam elementos da reinvenção de uma estética, mais borrada que as imagens *broadcasting*, com sonoridade mais exposta aos ruídos, ao contrário da assepsia dos estúdios de televisão.

Impressões sobre a oficina

Durante a apresentação dos trabalhos iniciais do projeto de História e Geografia, desenvolvidos em conjunto com as oficinas de audiovisual, comentários animados sobre a importância dessa alfabetização foram frequentes. Os estudantes realizadores, mesmo com sua curta experiência de vida, perceberam a extensão do processo de construção audiovisual, que pode ser aplicada nas ações de comunicação privada nos sites de relacionamento e através do correio eletrônico. Na mesma medida, perceberam as aplicações destas técnicas em atividades profissionais, possibilitando a geração de renda.

Da parte dos universitários, estimuladores das oficinas, “considerando a revolução que está causando a tecnologia na comunicação, pensamos num projeto para a disciplina que pudesse fazer uma interface entre sociedade, jornalismo e a produção de conteúdo responsável” (DINI, FURLANETTO, MACHADO, PICOLOTTO, VEIGA, 2009, p. 12) e elaborou-se um programa de atividades que oportunizasse essa outra alfabetização, pensando nas oportunidades que a televisão digital oferece, em projeto, de interação com a audiência, pois



num momento em que a troca de informações se torna cada vez mais instantânea, sobretudo através da rede de internet, que abre espaço para a postagem de imagens de fotos e vídeos, captados, por exemplo, por uma máquina fotográfica, além de textos, é preciso repensar/reorganizar/reforçar o papel do jornalista frente à sociedade (DINI, FURLANETTO, MACHADO, PICOLOTTO, VEIGA, 2009, p. 12).

Os níveis de satisfação observados durante o desenrolar das oficinas, bem como na apresentação final dos trabalhos (feita em sala de cinema, com projeção em tela grande) contaminou os professores do ensino básico e aqueles que estiveram na coordenação dos trabalhos. Foram eles, também, que sustentaram a continuidade das ações para semestre seguinte, além de incentivar os universitários a realizar ações semelhantes junto à comunidade em geral, na perspectiva de qualificar a realização audiovisual dirigidas aos canais comunitários da televisão a cabo.

Tecendo conclusões

As brechas para difundir conteúdo audiovisual no ambiente digital de comunicação escancaram a demanda para o fomento à realização, destinado a diversos grupos, sem reservas. Ao mesmo tempo, acende a discussão a respeito da estética da convergência, tema que merece uma demorada discussão, tanto no âmbito teórico, como no prático, tendo em vista os significativos impactos provocados por ambientes como os sites de relacionamento e os vídeos armazenados na internet.

Percebe-se a premência desse debate tanto na resistência apresentada pelos operadores da televisão quando o assunto é a transmissão simultânea de diferentes conteúdos e, especificamente, sobre o canal de retorno, o qual permite a intervenção direta da audiência, como na procura acadêmica de elementos que subsidiem as explicações da comunicação contemporânea. É apenas uma das inúmeras constatações que a caminhada da convergência vai provocar na sociedade.

Na mesma linha, cabe a refletir sobre as possibilidades de construção dos conteúdos a serem distribuídos para os vários modos de sintonização que o sinal digital permite. E neste ponto está um dos principais focos para a pesquisa da comunicação social dirigir suas luzes. Mais ainda quando se percebe a grande quantidade de brechas a serem ocupadas por produções (neste caso audiovisuais) comprometidas com a construção de indivíduos investidos dos direitos e deveres da cidadania e com a capacidade de distribuir as informações importantes para alcançar essas credenciais.



A convergência digital oferece as entradas para esta outra condição cidadã, mas para isso, é necessária a alfabetização para fruição dos meios de comunicação. Ela começa com a possibilidade de capacitar parte desse público a produzir seus próprios conteúdos comunicacionais e, ao mesmo tempo, difundindo o conhecimento no ambiente digital.

Outra constatação: a partir desse acesso fácil aos meios da realização audiovisual, percebe-se o recente movimento das próprias emissoras no sentido de incentivar a entrada de outras imagens em sua grade, seja através de concursos informais (jogadas inusitadas em canchas esportivas espalhadas pelo país; escolha de conjuntos musicais para apresentações em programas dominicais; mensagens e até mesmo reportagens) ou em transmissões diretas de áreas de conflitos internacionais, garantindo a cobertura jornalística dos fatos. Essa quebra do paradigma de padrão de qualidade de imagem na televisão brasileira prenuncia a oportunidade de conteúdos mais abrangentes nas telas da televisão digital.

Referências bibliográficas

BARBOSA, André; CASTRO, Cosette. **Comunicação digital**. Educação, tecnologia e novos comportamentos. São Paulo: Paulinas, 2008.

BENEVENUTO JR. Álvaro. **De Canal comunitário a POA TV: estratégias e políticas da comunidade na TV a cabo de Porto Alegre**. 2005. Tese (doutorado em Ciências da Comunicação). Centro de Ciências da Comunicação – UNISINOS, São Leopoldo, RS.

BENEVENUTO JR., Álvaro. Desafios à produção e difusão do audiovisual na fase da convergência digital. Congresso de ciências da comunicação na Região Sul, 10. **Anais eletrônicos...** Blumenau: Furb, 2009.

BUNGI, Jonathan et. al. **Um bairro com pouca estrutura**. Vídeo realizado no projeto de estudos de História e Geografia. Caxias do Sul: Escola Ramiro Pigozzi. 2009.

BRITTOS, Valério Cruz. A televisão no Brasil hoje: fase da multilicitude da oferta. **Comunicação e Sociedade**. Vol. 13, 1999. Braga: Universidade do Minho.

DINI, Ricardo; FURLANETTO, Carina; MACHADO, Gabriela, PICOLOTTO, Tiago; VEIGA, Rochele da. **Relatório: oficina de produção audiovisual com câmera fotográfica na Escola Ramiro Pigozzi**. Caxias do Sul: UCS, 2009. (policopiado)

GIRARDI, Larissa et. al. **Violência, segurança e saneamento básico**. Vídeo realizado no projeto de estudos de História e Geografia. Caxias do Sul: Escola Ramiro Pigozzi. 2009.

LASCA, Carolina; TAVARES, Denise. O Brasil mutante do Globo Repórter: uma história de personagem. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 29. **Anais eletrônicos...**



Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R2185-1.pdf>>.
Acesso em: 29 jun. 2009.

LINS E SILVA, Carlos Eduardo. As brechas da televisão brasileira. In FESTA, Regina; LINS E SILVA, Carlos Eduardo. **Comunicação popular e alternativa no Brasil**. São Paulo: Summus, 1989.